

# uma adaptação teatral do romance chão dos lobos, de dalcídio jurandir

Willi Bolle<sup>1</sup>

## Resumo

Este roteiro cênico é um dos resultados da oficina teatral que realizei entre 2009 e 2014 com um grupo de professores e alunos de uma escola pública de ensino médio no bairro de Terra Firme, na periferia de Belém. Elaboramos roteiros cênicos e realizamos apresentações teatrais dos cinco romances do escritor paraense Dalcídio Jurandir, que têm como cenário os subúrbios de Belém: de Passagem dos Inocentes (1963) até Chão dos Lobos (1976). Este romance narra a vida do jovem Alfredo na favela “Não-Se-Assuste”, que é propriedade de latifundiários: os Lobos. Na nossa adaptação teatral condensamos o conteúdo deste romance de 300 páginas em dez cenas, num total de 15 páginas. Apresentamos os diálogos de Alfredo com os moradores da favela, seus contatos com festas populares, sua viagem-fuga ao Rio de Janeiro e sua volta à periferia de Belém. Com este romance e os quatro anteriores, Dalcídio Jurandir superou a forma tradicional de representação da Amazônia nos moldes do regionalismo. Ele tornou-se precursor de uma nova visão, que é global e apresenta a periferia de Belém como um caso paradigmático do nosso mundo atual, que foi denominado com muita propriedade pelo urbanista e historiador Mike Davis de Planeta Favela (2006).

## Palavras-chave

Dalcídio Jurandir. Romance de formação. Oficina de teatro. Vida na favela.

---

<sup>1</sup> Willi Bolle, professor titular sênior de literatura na USP e ator formado pela Escola de Arte Dramática da USP. E-mail: [willibolle@yahoo.com](mailto:willibolle@yahoo.com). ORCID: 0000-0002-5909-4000.

### **Abstract**

This scenic script is one of the results of a theater workshop which I performed from 2009 to 2014 with a group of teachers and students of a public high school in the neighborhood of Terra Firme, in the suburbs of Belém. We elaborated scenic scripts and made theatrical presentations of the five novels of Dalcídio Jurandir whose scenery are the suburbs: from Passage of the Innocents (1963) to Land of Wolves (1976). This novel narrates the life of the young Alfredo in the slum “Do not Panic”, which is the property of a family of landowners: the Wolves. In our adaptation we condensed the story of this novel of 300 pages in ten scenes in a total of 15 pages. We present the dialogues of Alfredo with the slum dwellers, his contacts with popular festivities, his escape to Rio de Janeiro and his return to the suburbs of Belém. With this novel and the previous four, Dalcídio Jurandir surpassed the traditional way of representing Amazonia in the molds of regionalism. He became a forerunner of a new vision, which is global, showing the periphery of Belém as a paradigmatic case of our current world, which has been named, very properly, by the urban theorist and historian Mike Davis, as Planet of Slums (2006).

### **Keywords**

Dalcídio Jurandir. Bildungsroman. Theater workshop. Slum life.

### **Nota introdutória**

A publicação deste roteiro cênico de Chão dos Lobos é feita com o objetivo de compartilhar esta experiência com outros professores, alunos e demais interessados e de incentivá-los a dar continuidade a este tipo de trabalho pedagógico, que é para ser utilizado, aperfeiçoado e ampliado. No roteiro, os números de páginas entre colchetes referem-se à segunda edição do romance Chão dos Lobos, Bragança: Pará.grafo Editora, 2019. Para facilitar a comunicação com o público, tomamos a liberdade de reformular vários trechos da obra.

## roteiro cênico

### Cenário e Apresentação

Em cima do palco flutuam duas rabiolas:

à esquerda,	à direita,
com os títulos	com os títulos
Passagem dos Inocentes	Ponte do Galo
Primeira Manhã	Os habitantes

No meio: um banner com o título “Chão dos Lobos”.

No palco, há três grandes caixas de lixo, com os letreros

NÃO	SE	ASSUSTE
-----	----	---------

OS ATORES cantam

Que ofício dá pra ele /	Mando tiro, tiro lá	
O ofício de aprendiz /	Mando tiro, tiro lá	
Este ofício já me agrada /	Mando tiro, tiro lá	bis

### Cena inicial: Retrato de uma favela: “Não-Se-Assuste”

ALFREDO para o público: Boa tarde! Vocês se lembram de mim? Eu sou o Alfredo. Vim do Marajó, estudo no Ginásio e esta é a minha quarta estada aqui em Belém.

NARRADOR: Sim, a gente se lembra. Você mora perto do Curro Velho, não é? Você está hospedado na casa do Coronel Braulino, aquele latifundiário que mora lá no Marajó?

ALFREDO: Eu acabei por sair daquela casa. Desde o início me senti culpado por ocupar ali o lugar que deveria ser da Luciana, a filha do Coronel. O maior desejo dela era cursar o Ginásio. Mas a mãe, o pai e Graziela, a irmã invejosa, impediram o acesso de Luciana ao Ginásio, e a pobre moça, que veio fugindo para Belém, caiu na prostituição. Ela acabou morrendo prematuramente, não se sabe se de doença, de desgosto ou de crime. Eu fiquei tão revoltado com a maldade daquela família que saí daquela casa e me mudei para cá, para o renque de palhoças “Não-Se-Assuste”. Estou me guardando ali, naquele quartinho de madeira, a vinte o aluguel. [cf. Chão dos Lobos, p. 28 e 26]

NARRADOR: Mas, Alfredo, as condições de vida aqui não são muito precárias? Isto aqui é uma favela! Como você faz para tomar banho?

ALFREDO: Onde eu tomo banho? Do outro lado, atravessando o encharcado. Todos os inquilinos daqui se servem da mesma torneira e do mesmo banheiro. Quando tomo banho, tem que ser depressa, porque a velha tina está vazando. [p. 28]

E tem aquela filha-do-italiano, espionando lá atrás da veneziana, querendo saber de tudo o que acontece aqui. [p. 9-10]

Durante toda a cena, no fundo: barulho de crianças brincando e gritando, e cachorros latindo.

Atrás de uma das latas de lixo surge D. SEBASTIANA DOS PRAZERES:  
Alfredo, por favor, ajuda aqui para levar para o rabeção mais um defunto.  
Era um anjinho que eu criei, foi um filho do pecado, gerado no erro.  
Nossa Senhora te acompanhe, meu filho. E separa por lá um cantinho pra mim, pois por aqui, neste chão dos Lobos, tudo para mim já é por demais incômodo. [p. 29]

ALFREDO: Sim, os Lobos são os donos deste renque de palhoças, eles abusam nos preços de aluguel. Meu maior desejo é uma lei desapropriando este chão dos Lobos. [55]

RAPAZINHO LADRÃO: Seu Investigador, por favor me solta! Eu não roubei nada. Só tenho este rosário, esta cruz e estas orações no bolso contra cadeia e bala. [p. 30]

D. SEBASTIANA: Pois é, enquanto a mãe dele tem que se virar para trazer do mercadinho meio quilo de piramutaba, esse aí é autorizado pelos santos a roubar. [p. 30]

ALFREDO: Se esconda, d. Sebastiana, aí vem seu Batista, o cobrador do aluguel!

SEU BATISTA: D. Sebastiana, os dois meses que atrasou, pra quando? [p. 31]

Atrás da 2.a lata de lixo surge uma VELHA:

Esmolinha por São Miguel. Esmolinha por São Miguel. [p. 30]

Ela recebe uma moeda, mas logo em seguida passa o rapazinho ladrão, rouba-lhe a moeda e desaparece no meio das palhoças.

SEU RIBEIRO para Alfredo: Ó, ginasiano, não se esqueça: amanhã é dia de excursão. [p. 58]

A missão do nosso grupo, Os Garimpeiros, é fazer turismo em nossos igarapés regionais. O Zematias e o Filemon também vão conosco. [p. 61]

Grita para os bastidores: Ó Zematias, vê direitinho o nosso farnel e a caranguejada! [p. 59]

Ó Filemon, leva também a garrafa de cana.

Para o público: É para esquecer os tormentos da vida. [p. 62]

ALFREDO cumprimenta uma senhora que passa:

Boa tarde, d. Imaculada! E o seu marido, como vai?

D. IMACULADA: Ah, Rodrigues! Por que me arrastaste de São Paulo para este caldeirão de febres? Só pra me sobrecarregar de moléstia e aflição? [p. 103]

Atrás da 3.a lata de lixo surge SEU RODRIGUES: E este teu marido aqui, lavrando todo dia na marcenaria? Afinal, não comes e não urras com os teus setecentos achaques? [p. 104]

D. IMACULADA: Uma rolha na boca, Rodrigues, que tuas palavras fedem. Onde está o teu acatamento à visita? Seu Alfredo, por favor, venha conhecer aqui uma das minhas relíquias. Conhece aqui, do Camilo, o Amor de Perdição? [p. 98]

ALFREDO: Sim, eu conheci este livro, lá em casa, em Cachoeira, no Marajó.

O meu pai nos representava esse romance na varanda do chalé. [p. 98]

Devolve o livro para d. Imaculada. Ela estranha o odor dele, e ele o percebe.

Eu sei, d. Imaculada, já está na hora de eu tomar banho. É lá do outro lado do encharcado. E os carapanãs já estão atacando... [cf. p. 110]



### Alfredo e a lavadeira

#### Cena 2: “A sua roupa, quem lava?”

A LAVADEIRA, uma moça caolha, lavando roupa no tanque.  
Cansada, ela para um momento e fala para o público:  
Estou aqui a bater roupa na tina, todo santo dia, até a entrada da noite.  
Ah, se um dia eu pudesse, o que é que eu criava no meu quintal? Só borboleta.  
Borboletas de raça. Para vender as enfiadas pros turistas no vapor inglês. [p. 32]

Passa Alfredo, olhando para a lavadeira com um ar de superioridade.

A LAVADEIRA o interpela: E a tua roupa, quem lava? Diz depressa, quem lava? [p. 33]

ALFREDO, com um tom irônico: Você já viu um vapor inglês?

LAVADEIRA: De pertinho, não. Mas sempre olho aquele vapor nos anúncios de jornal.

Hoje, vim cobrar uma roupa na Cidade Velha. Na volta, passei pelo Paris n ' América e olhei aquele belo tecido. Ah, eu queria entrar naquelas lojas da Gurjão e provar todos os sapatos do meu número. Você acha que meu pé é grande? [p. 68]

ALFREDO: Mimoso.

LAVADEIRA: Mimoso? Muito obrigada. Vou pôr no meu cofre a sua palavra. [p. 68]

Está olhando esta queimadura no meu braço? Foi na casa da minha tia, uma semana antes de ela se casar. [p. 69]

De tanto esperar pelo casamento, ela perdeu a conta do tempo. Durante o namoro e o noivado, os dois foram ficando ressequidos. Ele sempre lendo almanaques e ela sempre fazendo croché. De primeiro mimavam o futuro: Vamos ter casa própria, mobília, toalhas brancas no domingo, e um peru no Círio...

Mas o mimo foi se escoando, deu broca no futuro. Quando chegou o dia do casamento, já estava fora do tempo: os noivos pareciam cobertos de mofo. [p. 69-70]

E não se sabia se o padre os casava ou lhes dava a extrema-unção.

ALFREDO: E você?

LAVADEIRA: Se eu quero casar? Sabe o que a tia me falou?

Eu me acostumei tanto de ser noiva que cada vez mais me aborreço de estar casada.

ALFREDO: Quantas vezes foi anjo de procissão? [p. 70]

LAVADEIRA: Uma só vez. E me aborreci. Mordi o dedo de outro anjo, e fui excluída.

ALFREDO: Quer dizer que é um anjo rebelado? [p. 70]

LAVADEIRA: Rebelados são os meus dois irmãos: o Imbiriba e o Osvaldo.

O Imbiriba, o mais velho, faz a linha da Europa e a linha da América, na boca da fornalha. No Natal, ele enviou para mamãe um embrulho de castanhas portuguesas. Mamãe as distribuiu em cada porta e janela do Não-Se-Assuste. De um saquinho de castanha ela fez um castanhal para todos. [p. 75-76]

Então, vamos caçar borboletas no córrego do Una, este domingo?

ALFREDO começa a se envergonhar de ser visto ao lado dela:

Você se importa de me esperar um instante? [p. 71]

LAVADEIRA, em tom irônico: Vai caçar borboleta? Assim o sr. vai perder a história do meu outro irmão, o Osvaldo. O senhor perto dele, vá me desculpando, que o senhor até que não é tão feioso, mas desaparece. Qualquer rapaz dos que eu conheço, comparado com ele, pode desistir do concurso. O Osvaldo é um rosto tirado de um cinema. Ele apaixona as pessoas. Ele cega as pessoas, por onde passa empeçonha. [p. 77]

Mas o senhor nem respondeu à minha pergunta: A sua roupa, quem lava?

### Cena 3: D. Nivalda convence Alfredo a ser professor

A professora d. Nivalda espera na frente do quartinho de Alfredo. Ele chega da rua.

D. NIVALDA: Faz mais de uma semana que eu rezo para encontrar o senhor. Hoje, finalmente, o encontrei. Posso chama-lo de professor, não é? O sr. consideraria um obséquo que me faria? O sr. concordaria em dar umas aulas na escola que instalei na minha casa? À tarde, das duas às quatro? Eu sei, compensar não compensa. O sr. sabe como é o magistério – principalmente nesta redondeza. Só consome a gente, e sempre. No mais, só Deus. [p. 113-114]

ALFREDO: Não sei... [p. 114]

D. NIVALDA: Não se escuse. Pelo tanto que tenho escutado e escuto a respeito do sr., o sr. é a pessoa conforme sempre sonhei. Sobre o seu nome só jogam flores. [p. 114]

ALFREDO: D. Nivalda, vamos um pouco até a esquina. E pode falar mais alto. Um aparte para o público: A moça italiana deve estar nos espionando. Eu quero que ela escute estes elogios.

D. NIVALDA: A sorte da minha escola nas mãos do senhor está. Conceda-me a preferência, sim? À tarde o sr. não vai ao Ginásio?

ALFREDO: Mas e as lições em casa? [p. 115]

D. NIVALDA: Sim, eu sei o quanto o sr. é estudioso. Sei de sua aplicação e aproveitamento. Mas conceda-me um pouquinho de suas tardes, sim?

ALFREDO: Repita um pouco mais alto, d. Nivalda

D. NIVALDA: Não se escuse e me faça essa caridade. O santo de minha devoção, meu São Francisco de Canindé, lhe ajudará em tudo que o sr. ambicione neste mundo.

ALFREDO: Pois é, d. Nivalda. O santo... ?

D. NIVALDA: Quanto ao salário, Sr. Alfredo, o sr. não vai me colocar acima das minhas poucas posses, não é? O senhor vai compreender. Eu sei que o sr. é muito educado.

Então, até às duas? [p. 116]

ALFREDO: Está bem, d. Nivalda. Até mais, às duas.

#### **Cena 4: Alfredo dando aula**

D. Nivalda recebe Alfredo na sua escola, que tem meia dúzia de alunos.

D. NIVALDA: Professor! Milagre de São Francisco de Canindé! Em cima de sua palavra! Esteja a gosto, só que não vá reparando.

Meninos, meninas! Vamos nos levantar. É o vosso professor. [p. 118]

Os alunos estão numa curiosidade meio festiva, meio receosa. Dois pedem a bênção ao professor.

ALFREDO: Podem se sentar. [p. 119]

Alfredo repara numa aluna no banco de trás, mais alta, já moça: Você também é aluna?

ROBERTA: Sim, professor, meu nome é Roberta. Ela ajeita o cabelo.

D. NIVALDA: Professor, use com eles o rigor que for necessário. Olhem, meninos e meninas, o moço frequenta o Ginásio. Por muita consideração da parte dele, veio aqui e nos dá a honra. Não desgostem o moço. Máxima atenção e respeito a ele!

ALFREDO: Vamos começar por um ditado. Abram os cadernos [p. 120]

ALUNO I: Professor, licença de eu cuspir lá fora? [p. 120]

ALFREDO: Prontos? [p. 121]

Como Roberta está demorando, Alfredo dirige-se a ela: Pronta?

Alfredo começa a ditar: Amanhecia e as estrelas começaram a se apagar no firmamento.

ALUNA I: Como, professor? [p. 123]

ALFREDO: Firmamento. Fir-ma-men-to. Vírgula.

ALUNA II: Professor, cedo é com um s ou dois s? [p. 125]

ALFREDO ditando: A errante amada renascerá dos lagos, com seu cabelo sinuoso como os rios no verão... Tua presença é misteriosa como uma muiraquitã... Desejo de chegar até o oceano nas profundezas da noite... [cf. p. 146]

Ponto final. Venham me entregar os cadernos.

ALUNO II: Professor, esta noite papai matou. [p. 126]

ALFREDO: Quem?

ALUNO II: A mucura.

ALFREDO: Mucura? A tiro?

ALUNO II: De espingarda.

ALFREDO: Comia pinto?

ALUNO II: O meu pintinho. Quer ver, olhe. Puxa do bolsinho umas penas.

ALFREDO: Meninos e meninas, hoje nesta primeira aula foi só o ditado. Eu vou corrigir agora as suas provas e vocês estão dispensados. Até amanhã!

Os alunos saem.        Depois de alguns instantes, volta a Roberta.

ROBERTA: Com licença, professor, eu esqueci de assinar o meu nome. [p. 186]  
– Pausa – Ixe! Começou a chover, agora não dá mais para sair.

ALFREDO: Se você quiser, podemos continuar o ditado, mesmo com a sala vazia.

ROBERTA: Sabe: o que mais gosto é ir ver o rio. Miro-me nele até que me dá uma tontura.

Quero ficar assim encantada-encantada. [p. 191]

ALFREDO: Se você quiser, Roberta, nós dois podemos ir lá e ver o rio juntos.

ROBERTA: Professor, o sr. não iria continuar o ditado para mim? – Pausa – Aliás, o sr. não estava ditando do livro, parecia que estava ditando do seu coração.

**Cena 5: D. Nivalda: Viagens pela Amazônia - 1: D. Quitéria e Frei Pio**

D. NIVALDA, corrigindo provas: Já é depois da meia-noite, e eu ainda aqui a corrigir as provas da escola estadual, onde dou aula todas as manhãs. Sinto-me tão consumida, tão extenuada. [p. 127 e 116]

Lembro com saudade do tempo em que era jovem, quando viajei com meu falecido marido pelo interior da Amazônia... Ah, eu queria estar outra vez na cidade de Guimarães, no rio Tapajós, onde ficamos hospedados na pensão de d. Quitéria.

D. Nivalda coloca um chapéu elegante e se transpõe para aquele tempo.

Aparece D. QUITÉRIA, com uma terrina de sopa [p. 141]:

Professora Nivalda, lhe trouxe aqui uma sopa de tartaruga, para jantarmos juntas.

D. NIVALDA: Muito obrigada, d. Quitéria. Ainda penso naqueles curumins de beira-rio, carregando lenha para o gaiola. Como vão curvos sob o peso das achas. Falei para o meu marido, que é comandante, para tirar da mão dos meninos a carregação de lenha. [p. 133]

D. QUITÉRIA: Mudando de assunto, professora Nivalda: Durante estes dias que a senhora está aqui, já assistiu à missa do nosso Frei Pio?

D. NIVALDA: O Frei Pio? Aquele a quem Deus deu aquela boca? [p. 138]

D. QUITÉRIA: D. Nivalda! Não bula no sagrado. A boca é muito bela, professora Nivalda. Uma boca de precipício. Daquela não pinga prece, pingam favos de mel. Não dá absolvição, põe a perder. Ali não está uma boca de Deus, mas do Demônio, eu juro.

D. NIVALDA: Mas credo, d. Quitéria! Tome a sua sopa antes que esfrie. Quem ouve a senhora assim falando, vai pensar coisas...

D. QUITÉRIA: Ah, d. Nivalda, não me venha dizer que ainda não reparou na carnação daquela boca.

D. NIVALDA: D. Quitéria, a senhora está pecando! Imagine se o seu marido ouvisse todo esse despautério! Uma senhora como a senhora, tão distinta!

D. QUITÉRIA: Sou só eu? A sra. reparou no rezar do Frei Pio? Põe o termômetro debaixo do sôco de cada moça, na entreperna de cada casada ali de olho revirado, põe e mede o paludismo. É do sopro de Lúcifer. O frei, quando abre aquela boca, se virando para os fiéis na hora da missa, dando a hóstia. Não é o Corpo do Filho de Deus que as devotas apetezem, é a boca do homem ali soprando nelas. A sra. não viu, professora Nivalda?

D. NIVALDA: Nossa Senhora, d. Quitéria! Olhe o inferno! [p. 138]

D. QUITÉRIA: D. Nivalda, pela honra do meu marido, não me ande espalhando... Só lhe falei uma coisinha à parte. Acontece que a honra de todas as esposas nesta cidade anda correndo risco naqueles beijos do Frei Pio. Daquela boca sai faísca. É preciso um abaixo-assinado exigindo já-já a remoção dele. Ou fazer um esconjuro, todas nós, mulheres, na praça: Sai de dentro desse frei, Maligno! Que a boca dele é a tua, Disfarçado. Sai, Príncipe das Trevas! O que a sra. acha, professora Nivalda? [p. 140]

D. NIVALDA: Não acho nada.

D. QUITÉRIA: E no dia da procissão? O frei gritou contra o veneno que anda circulando em Guimarães, aqueles papéis do espiritismo. De repente abriu os braços e deu aquele berro: Viva o Cristo Rei! Viva a Maria Santíssima! Viva a Igreja Apostólica Romana! Foi muito belo, professora Nivalda. No beijo do homem o mulhério de Guimarães se esgoelando em Viva! Viva! Eu sei que para o Cristo não era. Era para a boca do padre, ele de braço estendido a acalmar as mais derretidas, a passar água benta nas possessas.

D. NIVALDA: D. Quitéria, por favor, vá quanto antes se confessar, hoje mesmo, que essas suas brincadeiras a Deus não agradam. A senhora está desenfreando a língua, anda muito ímpia, credo cruz. Vai se confessar.

D. QUITÉRIA: Eu me confessar com ele? Seria a minha perdição. [p. 140]

### **Cena 6: D. Nivalda: Viagens pela Amazônia - 2: Os bailes no clube Valência**

D. ENILDA: Boa noite, professora Nivalda. Vim lhe fazer uma visita aqui em Belém.

D. NIVALDA: Seja bem-vinda, d. Enilda. É um prazer reencontrá-la. Revendo a senhora, eu me lembro do tempo que passei na sua cidade de Guimarães. Especialmente das noites no Valência. Haverá no mundo bailes tão lembrados? [p. 149]

D. ENILDA: Pois é, era tudo dama de primeira. [p. 159] As moças ricas entravam ostentando e olhando por cima do ombro. [p. 156] E não havia nem dez réis de marido. [p. 151] Foi até bom que as moreninhas da Aldeia não entravam. Eram proibidas no Valência. [p. 135]

D. NIVALDA: Por que aquelas moreninhas eram proibidas de entrar? Muitas delas eram lavadeiras de castanha. Lavavam, uma a uma: escolhiam as boas, separavam as podres. Elas nos olhavam das margens do rio. Febrentas, estropiadas, silenciosas, lavavam, batiam a castanha com aquele sol serrando as nuças. [p. 136]

D. ENILDA: Mas vamos lembrar os bailes, professora Nivalda.

D. Nivalda liga o gramofone: Música de valsa. Enquanto as duas mulheres relembram os bailes, elas se empolgam e começam a bailar.

Sempre quem abria o baile era o Cobra Prenha, aquele advogado, que sempre tirava a Davina para dançar. Mas uma noite ele se deu mal. Sentou a bunda em cheio na boca do copo. Imagine como foi arrancar os cacos daquela bem fornida bochecha. [p. 150 e 149]

D. NIVALDA: E a irmã da Davina, a Honória, sempre fazendo croché e sempre à espera do delfim que viria busca-lá. Enquanto esperava, dançava nos braços sexagenários do Coletor Estadual. [p. 153]

D. ENILDA: E a Lucila Feitosa, que ia dizendo, bem agarrada ao seu par: Achei em Jesus o meu caminho. [p. 154]

D. NIVALDA: E a Gertrudes: ela desliza no salão como uma pluma, diziam os rapazes. Fez exame para professora interina e, apesar de onze erros no ditado, foi nomeada. [p. 154]

D. ENILDA: A sra. se lembra daquelas duas feionas: a Hildebrandina, uma imponência de feiura, e a Nair Camacho, a cega, que envolvia o salão com seu olhar defunto? [p. 155]

D. NIVALDA: Sim, mas havia também as divertidas. A Romilda dos Pinas: profunda no beber e ardente no dançar. [p. 155] As Munizes: muito oferecidas e sempre com bastante fome. A Ritinha, cuja especialidade era se agarrar no escuro com os pilotos. [p. 158]

E a Ivanilda.

D. ENILDA: Aquela que só namorava homem casado?

D. NIVALDA: Ela mesma. Quando dançou com aquele ginecologista, a esposa dele seguia o par pelo salão: Olhe aí, tu não vai me tomar o meu marido, safada! [p. 156]

D. ENILDA: Pois é, estamos aqui a recordar aqueles bailes. Mas já é tarde, professora Nivalda. Está na hora de eu ir. O que será que aconteceu àquelas moças? Que fim elas tiveram? [p. 160]

Ela se despede.

D. NIVALDA, desliga o gramofone. Sozinha:

Eu me pergunto: que fim tivemos eu e o Amanajás, o meu marido?

Depois que voltamos em Belém, ele só entrava em casa a altas horas da noite, batido de champanha, rameira e jogo. [p. 164]

E na companhia de navegação, cismaram que ele meteu a mão.

Lá se foi rampa abaixo o Amanajás. Os credores cercaram a casa e veio o leilão.

Eu ainda consegui arranjar este lugar de professora na periferia. Com aquele ordenadinho como nosso único sustento.

No fim, o Amanajás foi internado na Santa Casa com um antraz. [p. 183]

Fui enterrá-lo em primeira classe, e eu me enterrei aqui no subúrbio. [p. 185]

Ela coloca os óculos, prende o cabelo e volta a pegar o maço de provas.

### Cena 7: Ensaio do Cordão de Pássaro

Alfredo reencontra seu Almerindo.

ALFREDO: Seu Almerindo, que prazer reencontrá-lo depois de tanto tempo! Me lembro até hoje da bela festa junina que o sr. organizou lá em Santana, no Marajó. [p. 212]

SEU ALMERINDO: Bons tempos, aqueles. Mas eu tive que sair de lá, porque os brancos me pediram o barracão de volta. Com isso, a nossa irmandade finou-se. Eu atravessei a baía para esta cidade, com a família nas costas. Mas não esmoreci, trabucar ainda posso. Remexi esta cidade e já peguei um lugar de vigia numa usina, começo amanhã. Assim faço parte desta população e finco na baixada deste subúrbio a mea raiz marajoara. Um chão, meu, nunca tive. Mas o folgo não perdi. [p. 213-214]

ALFREDO: Nem a sua risada.

SEU ALMERINDO: Graças a Deus, ainda sei rir. Entro nesta cidade feito marinheiro de primeira viagem, o tombo deste navio não me põe nágua. Mão no leme, traquete firme, vamos embora. Aí está chegando também a minha filha, a Maria Emília, que neste pouquinho tempo aqui em Belém já conseguiu reunir uma irmandade, cabeceando um Cordão de Pássaro. Voto que seja um Pássaro bem falado e bem ensaiado. [p. 215]

M. EMÍLIA: Alfredo, como está o enredo? [p. 208]

ALFREDO: Trouxe aqui uma nova versão. Resolvi melhorar e aumentar as falas da Fada.

MARIA EMÍLIA: Você só melhorou as falas da Fada, é?

Entram Esmeia e Palmira.

A Esmeia e a Palmira já chegaram. E cadê a Fada? [p. 206]

ALFREDO: A Roberta prometeu que vinha. [p. 195]

MARIA EMÍLIA: Meninas, vamos começar a ensaiar.  
Esmeia, se você não quiser fazer o papel da Feiticeira, você troca com a Palmira, e você faz o Pássaro.

Alfredo, e a tua aluna, que vai fazer o papel da Fada, ela não vai chegar?

ALFREDO: Não sei por que a Roberta está demorando. Ela prometeu que vinha. [p. 195]

MARIA EMÍLIA: Vamos lá, meninas. Vamos passar agora para a cena em que a Fada ressuscita o Pássaro. [p. 208]

ESMEIA: Maria Emília, será que eu não posso fazer o papel da Fada? Eu acho que vou me dar bem nesse papel.

ALFREDO: O papel da Fada já está reservado para a Roberta. Eu reescrevi o enredo especialmente para ela.

MARIA EMÍLIA: Alfredo, eu sinto muito, mas temos pouquíssimo tempo para ensaiar.

E se a tua aluna não chegou até agora, quem vai fazer o papel da Fada é a Esmeia.

### **Cena 8: Desfile do Boi-Bumbá, com Roberta como Fada**

Ao som da música de boi-bumbá, entra o Boi Estrela Dalva, dançando, acompanhado por Pedro Chaminé, que toca tambor, e pelo dono, seu Quintino Profeta, que traz num cabide o vestido da Fada. Eles cantam:

Levanta meu Boi de fama	/ Estrela da madrugada.
Meu Boi é prata fina	/ É pai de muita malhada.
Sai de noite do curral	/ Só volta de madrugada. [p. 229]

Chega d. Domingas, a mãe de Roberta, acompanhada da filha.

QUINTINO PROFETA: D. Domingas, é uma honra que a sra. me faz de vir até aqui.

Assim posso lhe explicar direitinho como vai ser o desfile do nosso Boi Estrela Dalva e qual é o papel da Fada para o qual convidamos a sua filha Roberta. [p. 230]

Aponta para o cabide onde está pendurada a roupa da Fada.

D. DOMINGAS: Mas, seu Quintino, minha filha no Boi? Saindo no Boi? O sr. sabe muito bem os comentários que saem. A Roberta é uma menina de família. [p. 230]

QUINTINO PROFETA: Mas o nosso Boi é de família, d. Domingas. [p. 230]

D. DOMINGAS: A menina tem educação, ainda que pouquinha. Fosse num Cordão de Pássaro, num bloco de moças para o carnaval, tinha cabimento. Mas agora no Boi? Logo no Boi? Dizem que os donos de Boi são defloradores. [p. 230 e 232]



**Desfile do Boi-Bumbá**

QUINTINO PROFETA: D. Domingas, sabemos dar boa conta de filha alheia. A educação faz parte dos nossos regulamentos. D. DOMINGAS: Dou licença, não, seu Quintino. [230]

QUINTINO PROFETA: A sua menina é a que melhor encarna a Fada, d. Domingas. Sua filha nasceu para ser Fada. [p. 230]

ROBERTA, olhando a roupa da Fada:  
A vestimenta é toda nova? Nem um fiapo da do ano passado? [p. 231]

QUINTINO PROFETA: Toda-toda nova, material e confecção. Nem um alfinete usado.

ROBERTA: Pois, então, mamãe, deixa só experimentar. O papai não precisa saber. Até a hora do jantar vou estar em casa. A mãe sai. Roberta experimenta a roupa da Fada. PEDRO CHAMINÉ e QUINTINO PROFETA cantam: [p. 228]

Moça bonita / Sem ser mulata  
Teu rosto é lindo / Teus olhos mata.

Chega Alfredo. Fica pasmo de ver Roberta com a roupa de Fada:

ALFREDO: Roberta, eu não acredito no que os meus olhos estão vendo: Você aqui, de Fada do Boi! Você desprezou o convite que eu te fiz para ser a Fada do Pássaro! [p. 229]

ROBERTA: Alfredo, por favor, não tem comparação entre aquele pássaro chinfrim e este Boi maravilhoso. Você sabe que o Estrela Dalva já foi quase campeão da cidade? E você sabe toda a fama que tem o seu Quintino Profeta? [p. 236-237]

ALFREDO: Sei muito bem qual é a fama dele, e prefiro não comentar aqui. Por favor, desce do palanque, devolve o condão, e vamos conversar. [p. 238]

ROBERTA: Não temos mais o que conversar. Está tudo dito neste meu bilhete. Ela lhe entrega o bilhete. Agora me dá licença. Já é tarde e seu Quintino está me chamando.

ALFREDO lê o bilhete: “É pra lhe dizer somente que tudo de minha parte teve fim. Tudo o que o sr. me escreveu está às suas ordens pra lhe mandar de volta. O que lhe escrevi pode queimar. Alguma falta que fiz foi sem querer. Desta sua amiguinha R.” [p. 227]

### **Cena 9: A viagem-fuga de Alfredo para o Rio de Janeiro**

Sirene de navio. Alfredo, de maleta, a bordo do navio.

ALFREDO: Estou aqui a bordo do Duque de Caxias. Depois da flechada que me deu a Roberta, recebi uma carta do Ginásio, comunicando que cortaram a minha matrícula – por excesso de faltas. Como vou explicar isso para mamãe? [p. 226 e 264]

Agora já não tenho mais nada a fazer aqui em Belém. Vou embora para o Rio de Janeiro. O professor de geografia falou com um comissário de bordo para me arrumar uma passagem.

Adeus, Não-Se-Assuste! Adeus, Chão dos Lobos! Adeus, malfadada Fada do Boi! Aqui estou nascendo de novo, daqui em diante um outro hei de ser. [p. 281]

COMISSÁRIO: Olhe aí, jovem: o seu lugar é na terceira classe, descendo por ali, perto do porão.

Alfredo desce para o seu lugar e encontra outro jovem, o Muralha.

O MURALHA: Eu já olhei os beliches, aí dentro. São uma imundice. Melhor ficar aqui neste banco. [p. 282]

ALFREDO: Sim, é melhor. Meu nome é Alfredo. E o seu?

MURALHA: Emiliano Romero, de apelido Muralha. [p. 286]  
Vou pro Rio, trabalhar no guincho. E você?

ALFREDO: Eu ainda não sei em que vou trabalhar. [p. 286]

MURALHA: Estão batendo a campainha. Para a gente pegar o jantar e o café.

ALFREDO: A janta é uma perfeita gororoba. [p. 284]

MURALHA: É, sim. Esquentaram o vômito dos da primeira. [p. 285]  
E o café é uma lavagem de espingarda. Eu recusei. [p. 283]

No dia seguinte, sirene e anúncio pelo alto-falante: “Chegamos em São Luís do Maranhão”.

COMISSÁRIO para Alfredo: O sr. tem que desembarcar aqui. A sua passagem vale só até aqui, no Maranhão. [p. 283]

ALFREDO: Mas o meu professor falou com o amigo dele, o outro Comissário, que disse que eu podia viajar até o Rio de Janeiro.

COMISSÁRIO: Não tenho nada a ver com as suas complicações. Desembarque aqui.

Alfredo faz de conta que vai desembarcar e se esconde no porão. Depois, volta para o seu lugar.

No dia seguinte, sirene e anúncio pelo alto-falante: “Fortaleza”.  
Entra a bordo uma moça de muleta, a Sem-Nome.

A SEM NOME para Alfredo: Já falei com um amigo seu, o Muralha, e ele me disse que posso me instalar aqui com vocês neste banco. O seu nome é Pará, não é? O

meu nome? Eu sou sem nome. Mas por que tanto me espia? Você me acha bonita? Ou só linda-pela-metade? Interrompi você nas suas leituras? [p. 292]

ALFREDO: Não, eu já estava fechando o livro.

A SEM NOME: E o retrato ali dentro do livro? A tua noiva? [p. 294]

ALFREDO: Era a Fada do Boi. Mas nem me lembro mais o nome. [p. 294]

A SEM NOME pega o retrato: Deixa ver o que está escrito aqui atrás: Ah, que saudades tenho de ti, Roberta! Que tristeza eu sinto por estar tão longe de ti. -- Tu não é besta, não? [p. 294]

Sirene e anúncio pelo alto-falante: “Vitória”.

Chega o MURALHA: Todo o nosso dinheiro se foi. [p. 301]

ALFREDO: Que dinheiro?

MURALHA: O nosso. Como abriram a mala é que não sei. Adeus, foi tudo, o meu, o seu, tudo! [p. 301]

A SEM NOME para Alfredo: Mas se abriram só a mala dele, você continua com o seu dinheiro.

ALFREDO: É que eu pedi para ele guardar o meu dinheiro na mala dele. Achei mais seguro. [p. 304]

A SEM NOME: Tu não é besta, não?

Sirene e anúncio pelo alto-falante: “Chegamos ao nosso porto final: Rio de Janeiro. Solicitamos que todos os passageiros desembarquem aqui.”

A SEM NOME: Te despede de eu, Pará. [p. 309]  
Fique bem atento aqui, nesta cidade grande.

MURALHA: Eu também vim me despedir.

ALFREDO para o público:  
Eles estão descendo juntos. Será que tinham combinado? [p. 309]  
Bem, aqui está o endereço da pensão onde vou ficar: Rua do Livramento.

Para um transeunte: Por favor, o sr. pode me informar onde fica a Rua do Livramento?

**Cena 10 = final: Alfredo é humilhado e assediado e resolve voltar**

No Rio de Janeiro, na Rua do Livramento, na pensão de d. Aurora.

ALFREDO, terminando de limpar o chão: D. Aurora, já fiz tudo o que a sra. mandou.

Ontem fiz o carroto e as compras, e hoje de manhã esfreguei todo o soalho. [p. 317]

D. AURORA: Está bem. Então, vou te dar um desconto no quarto e na refeição.

Ela chega atrás dele, desatando o avental. Mas agora me conte o que você andou fazendo por lá, meu cavalheiro, lá pelas malocas do Pará. Conte as artes que fez. Me explique de que você é culpado e de quem é vítima. Desate comigo o seu nó. [p. 318]

ALFREDO: Como assim, d. Aurora? Não estou entendendo.

D. AURORA: Você é corrido da justiça, não é? [p. 319]

ALFREDO: D. Aurora, eu já lhe disse, eu fui furtado. Me roubaram todo o meu dinheiro no navio. [p. 319]

D. AURORA: Mas esse seu fogo de pegar o navio, hem?  
Arrasta a cadeira para perto dele e fala com a voz abafada:  
Menino, enxugue a sua alma na batinha desta saia. [p. 320]

ALFREDO: Mas, d. Aurora, eu não fiz nada, pode me acreditar.

D. AURORA: Agora tira a chave da fechadura e me mostre os compartimentos... Ela desabotoa o peitilho. Desate os seus ocultos, índio urubu. [p. 320]

ALFREDO: Bem, d. Aurora, se é assim, eu vou ter que pegar a minha maleta. [p. 320]

D. AURORA: Estou te mandando embora? Vem cá! [p. 320]

ALFREDO: Tenha uma boa tarde, d. Aurora. Sai apressado com a maleta. Corre pelas ruas até o cais do porto. Ouve-se uma sirene de navio e um anúncio de alto-falante: “Estamos encerrando o embarque para Belém.”

Alfredo enxerga um conhecido dele, que está no convés do navio:

Olhe aí, o seu Paula, aquele fazendeiro lá do Curral do Meio.

Acena a grita para ele: Seu Paula! Ó, seu Paula! O sr. pode me pagar uma passagem de volta pra Belém? Lá eu lhe saldo. Pula a bordo do navio. [p. 324]

Sirene e anúncio pelo alto-falante: “Chegamos ao nosso porto final: Belém do Pará. Solicitamos que todos os passageiros desembarquem aqui.”



### Alfredo, de volta à favela

Alfredo desembarca, caminhando do meio da plateia em direção ao palco. No palco, os demais ATORES, isto é, OS MORADORES DA FAVELA, montaram um Cordão com as três latas de lixo, onde está escrito: NÃO – SE – ASSUSTE. Eles cantam em coro:

Alfredo, seja bem-vindo de volta à periferia de Belém! Mas não se assuste!  
Música do cordão de pássaro.  
[FIM]

## referências bibliográficas

BOLLE, Willi. Cenas de vida numa favela: Chão dos Lobos. In: BOLLE, Willi. *Boca do Amazonas: sociedade e cultura em Dalcídio Jurandir*. São Paulo: Edições SESC, 2020.

FARIAS, Fernando. Todo filho é pródigo: bateção de pernas do flâneur Alfredo, em Chão dos Lobos. In: JURANDIR, Dalcídio. *Chão dos Lobos*. Bragança: Pará.grafo Editora, 2019.

JURANDIR, Dalcídio. *Passagem dos Inocentes*. 2ª ed. Belém: Falangola, 1984 (1ª ed., 1963).

JURANDIR, Dalcídio. *Primeira manhã*. 2ª ed. Belém: EdUEPA, 2009 (1ª ed., 1967; 3ª ed., Belém: Marques, 2016).

JURANDIR, Dalcídio. *Ponte do Galo*. 2ª ed. Bragança: Pará.grafo Editora, 2017 (1ª ed., 1971).

JURANDIR, Dalcídio. *Os Habitantes*. 2ª ed. Bragança: Pará.grafo Editora, 2018 (1ª ed., 1976).

JURANDIR, Dalcídio. *Chão dos Lobos*. 2ª ed. Bragança: Pará.grafo Editora, 2019 (1ª ed., 1976).